

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA

PRIMEIRA PARTE. UNIDADE 1: O QUE É FILOSOFIA?

IRLEY F. FRANCO E DANILO MARCONDES



Eugène Delacroix. *O Limbo*. Conforme *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, todos os que não conheceram Cristo e que portanto não foram salvos, inclusive os que nasceram antes de Cristo estão no limbo, primeiro círculo do Inferno. Na pintura de cúpula acima, dentre outros, estão vários filósofos e homens ilustres da antiguidade: Aristóteles, Platão, Sócrates Xenofonte, Aquiles, Alexandre, o Grande, Aspásia, Alcibíades, etc.

A primeira observação que precisamos fazer acerca do significado de filosofia é que quando se pergunta o que é filosofia já se está fazendo uma pergunta eminentemente filosófica. E quantas vezes perguntarmos, tantas serão as respostas, pois um filósofo torna-se filósofo quando de alguma forma se vê a si mesmo diante do desafio de responder a essa pergunta. O que é a filosofia? O que é filosofar? O que é ser filósofo? – são perguntas que ele se faz incessantemente. E a cada resposta, além disso, multiplicam-se as perspectivas de compreensão do significado de filosofia. Essa é talvez a principal razão por que a pergunta “o que é filosofia?” é uma das mais embaraçosas para o filósofo responder.

Torna-se clara nesse contexto a famosa frase de Blaise Pascal: “Ridicularizar a filosofia já é de certo modo filosofar”. A brincadeira tornou-se popular e o dito de Pascal chegou a ser parte da capa de uma revista em quadrinhos de muito sucesso na França: *La Philo, en bandes dessinées*, publicada em 1977, por um professor de filosofia, Denis Huisman.

Se percorrermos a história da filosofia, ficaremos surpresos com a quantidade de definições de filosofia que podem ser nela encontradas. De fato, quantas vezes perguntarmos-nos sobre o significado de filosofia quantas distintas respostas poderão ser encontradas e formuladas, pois, se há algo que singularmente caracteriza a filosofia é o fato de ser um saber que constantemente interroga a si mesmo acerca do seu próprio sentido.

A FILOSOFIA DO PONTO DE VISTA DOS NÃO-FILÓSOFOS

*“A filosofia hoje — queixava-se em 1966 o poeta e ensaísta americano Kenneth Rexroth (“The Meditations of Marcus Aurelius”, em *The Saturday Review*, 29) — é um método complicado que serve para evitar todos os problemas importantes da vida”.*

Quem procuraria um filósofo quando o que está em questão é algo crucial em sua vida? Diz ainda o poeta, no mesmo ensaio: “Se a mãe de um estudante de filosofia morre, se sua namorada engravida, se ele é acometido de uma doença abominável e fatal, ou decidiu tornar-se um pacifista convicto que se recusa a lutar na guerra, será que procuraria seu professor de filosofia para se aconselhar?”

A resposta é obviamente: “não”.

Nem os mais graves problemas do mundo parecem preocupar os filósofos de hoje: a fome, a guerra, o terrorismo, a violência, todas essas questões parecem estar ausentes de suas preocupações centrais. Perguntamo-nos, e com razão: “para que serve a filosofia então?”

A queixa é mais antiga do que imaginamos. Já em Platão (sec. IV a. C.), em seu *Teeteto* (174a), encontramos uma anedota possivelmente popular na época, cujo objetivo é criticar a atitude alienada do filósofo. Conta ele que Tales de Mileto, o primeiro filósofo, andando a esmo em uma noite clara, observava atentamente as estrelas, e de tal modo concentrado no céu que tropeçou em algo no chão e caiu dentro de um poço. Uma escrava trácia que estava por perto, ouvindo os gritos do filósofo,

ajudou-o a sair do poço, mas não sem comentar gracejando que se tratava ali de um homem “*que estuda as longínquas estrelas, mas não consegue ver o chão que está sob seus pés*”.

Uma outra anedota que corria na antiguidade e que não tem outro objetivo senão o de também demonstrar a inutilidade do filósofo e da filosofia é uma história contada por Aristoxeno, aluno de Aristóteles, acerca de uma conferência pública que Platão teria proferido em sua Academia e cujo título “Sobre o Bem” teria atraído uma grande quantidade de pessoas. “Esperando ouvir sobre alguns dos bens reconhecidamente humanos, como riqueza, saúde, força, felicidade, *etc.*, ao ouvi-lo falar sobre números, matemática, astronomia, e, finalmente, sobre a unidade do Bem, a maior parte dos ouvintes ficou desapontada e, em vista disso, alguns trataram o fato com desdém e outros com censura.”

Sobre o “filósofo” e a “filosofia” a opinião do leigo não mudou muito. Um exemplo atual veiculando as mesmas idéias que circulavam na antiguidade pode ser encontrado no esquete cômico que o famoso grupo inglês Monty Python criou em 1972, inspirado na filosofia. O esquete alude a um jogo de futebol ocorrido no *Olympiastadion*, durante as Olimpíadas de Munique, mas ao invés dos verdadeiros jogadores, são os mais célebres filósofos da história da filosofia que são colocados no campo. O esquete foi apresentado pela primeira vez na TV alemã, no programa *Monty Python's Fliegender Zirkus*, mas foi também incluído em 1982 no filme *Monty Python Live at the Hollywood Bowl*.

Resumindo o esquete: confrontam-se filósofos gregos e alemães. No time alemão: Gottfried Leibniz, Immanuel Kant, Georg "Nobby" Hegel (capt), Arthur Schopenhauer, Friedrich Schelling, Franz Beckenbauer (o único verdadeiro jogador de futebol no campo, incluído de surpresa no time alemão), Karl Jaspers, Karl Schlegel, Ludwig Wittgenstein, Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger, Karl Marx — substituindo Wittgenstein no segundo tempo. No time grego: Platão, Epiteto, Aristóteles, Sófocles, Empédocles, Plotino, Epicuro, Heráclito, Demócrito, Sócrates (capt), Arquimedes. Confúcio é o árbitro e São Tomás de Aquino e Sto Agostinho são os bandeirinhas. Marx está na reserva. A certa altura do jogo o técnico alemão Lutero decide substituir Wittgenstein por Marx, na esperança de que seu materialismo conduzisse à ação, mas também ele decepciona os torcedores, pois, ao invés de chutar a bola para o gol, como se esperaria de um marxista, pensa e caminha em círculos como todos os outros.

Como vemos, portanto, a filosofia é ainda hoje considerada uma disciplina inútil, pelo menos no que diz respeito ao que de um modo geral consideramos útil.

TRANSFORMANDO A FILOSOFIA EM FAMA E DINHEIRO. HISTÓRIAS DE FILÓSOFOS

É claro que um filósofo poderia usar seus conhecimentos para uma finalidade prática, como, por exemplo, ganhar dinheiro.

Conta Aristóteles, em sua *Política* (1259a), que Tales, tendo sido reprovado por sua pobreza, a qual era usada para mostrar a inutilidade da filosofia, decidiu provar que seus conhecimentos poderiam servir para enriquecê-lo, caso ele assim o desejasse. Usando então de seus conhecimentos astronômicos, previu uma abundante colheita de azeitona. Juntou então um pequeno capital, ainda durante o inverno, e pagou sinal por todas as prensas de Mileto e de Quios arrendando-os por baixo preço, porque ninguém licitou contra ele. Chegada a ocasião da colheita, sendo esta, como previsto, abundante houve uma súbita afluência de pedidos de prensas. Então ele as sublocou pelo preço que quis, e deste modo obteve grande lucro, demonstrando assim que é fácil para o filósofo enriquecer, mas não é em enriquecer que ele está interessado.

Quem ganhava dinheiro na antiguidade dando aula de retórica (a arte da persuasão pelo discurso) e prometendo ensinar as virtudes aos jovens gregos do séc. V a.C. eram os famosos sofistas. Os sofistas eram originariamente professores itinerantes muito respeitáveis. A palavra sofista quer dizer “sábio”, mas acabou tornando-se sinônimo de “charlatão”, graças às pesadas críticas que a eles dirigiram Sócrates, Platão e Xenofonte. Os sofistas foram muito criticados especialmente pelo fato de cobrar por suas aulas.

A primeira teoria matemática acerca das leis da probabilidade teve sua origem no século XVII, com o filósofo e matemático Blaise Pascal, devido à curiosidade de um cavaleiro, Antoine Gombaud, o chevalier de Méré, jogador apaixonado, contemporâneo de Pascal que em cartas discutiu com Pascal problemas relacionados à probabilidade de ganhar em certos jogos azar. Despertado seu interesse pelo assunto, Pascal correspondeu-se com Pierre de Fermat sobre o que hoje chamaríamos de probabilidades finitas e descobriu o cálculo das probabilidades.

Nos tempos atuais podemos encontrar filósofos que transformaram seus conhecimentos filosóficos em fama e dinheiro.

Um exemplo conhecido é o do cartunista Matt Groening, o criador de The Simpsons. Matt formou-se em filosofia e diz que a filosofia serviu para criar seu mais famoso cartoon, de fato uma afiada crítica ao modo de vida americano.

Alguns filósofos ganharam, por exemplo, o premio Nobel, um premio que garante ao seu ganhador, além de valores materiais, o estatuto de um verdadeiro “semideus”. Dentre estes, vale à pena contar a história do filósofo francês Jean-Paul Sartre, que, embora tenha sido nomeado para o premio Nobel de Literatura, em 1964, recusou-se a receber o premio que levava o nome do inventor da dinamite, também conhecido por “O rei da dinamite” ou o “mercador da morte”, uma atitude que mostra extrema consciência de si mesmo e do mundo.

Jean-Paul Sartre (1905-1980).



“O inferno são os outros”.

Exemplos desse tipo certamente não faltam e servem para mostrar que o “útil” da filosofia nada tem a ver com o “útil” mundano. Mas a pergunta ainda permanece: o que é afinal filosofia? E para que serve?